

# FMI tenta levar País de volta

Washington, (Do enviado especial Arnolfo Carvalho) — O Fundo Monetário Internacional confirmou ontem que seu diretor-gerente, Jacques de Larosière, anuncia na próxima semana sua decisão de renunciar ao cargo até o final de dezembro, antecipando em dois anos seu mandato e abrindo espaço para mudanças na política da instituição, que poderá, inclusive, tentar trazer de volta aos seus "programas de ajustamento" países devedores como o Brasil, que precisam do aval para renegociar a dívida externa e obter novos créditos dos bancos privados.

Após oito anos à frente do FMI, De Larosière deixaria o cargo não apenas para facilitar as mudanças como, também, por "razões pessoais e profissionais", entre as quais estaria seu possível interesse em retornar ao governo francês, onde já foi diretor do Tesouro de onde, atualmente, seu amigo Jacques Chirac, conservador, é o primeiro-ministro. A primeira indicação de que aproveitará a assembleia anual na próxima semana para anunciar sua renúncia foi feita na última sexta-feira, durante uma reunião preparatória do board do FMI.

Tão logo souberam da decisão, ministros da Comunidade Económica Européia começaram a se movimentar para tentar indicar o sucessor de De Larosière, já que por tradição a gerência do FMI caberia a um europeu. O nome a ser indicado, entretanto, terá que contar com a aprovação do governo norte-americano, não só pelo poder de voto como, também, para assegurar a participação dos Estados Unidos no próximo aumento de capital do FMI, cujas negociações começarão brevemente embora não se espere uma conclusão antes de três anos.

Até agora estão no páreo não só o presidente do Comitê Interno do FMI/Banco Mundial (que toma decisões sobre a política da instituição) e ministro das Finanças da Holanda, Onno Rüding, como também o

vice-presidente do Banco (central) da Itália, Lamberto Dini, e o ex-ministro da Economia da Alemanha Ocidental, conde Otto Von Lambsdorff. Com a saída de De Larosière, atualmente com 56 anos, as duas principais instituições que saíram do acordo de Bretton Woods após a Segunda Guerra passarão a contar com nova direção.

Em julho a presidência do Banco Mundial passou das mãos de Alden Clausen para o ex-parlamentar norte-americano, Barber Conable, indicado pelo governo republicano de Ronald Reagan como parte do esforço para elevar à prática do plano do secretário do Tesouro, James Baker, de aumentar os empréstimos oficiais e privados aos países devedores. Até agora, entretanto, a chamada "iniciativa Baker" praticamente não saiu do papel, e dificilmente poderá atender às necessidades de devedores como o Brasil, devido ao pequeno volume de recursos.

De Larosière esteve à frente do FMI durante os anos da pior crise financeira pós-Segunda Guerra, tendo encaminhado as diversas renegociações de dívidas externas dos países devedores sem permitir que a situação resvalasse para moratórias generalizadas que quebrariam o sistema financeiro internacional. Para isso ele mudou o enfoque tradicional e convocou os bancos privados a entrarem com dinheiro novo nas rolagens, ao mesmo tempo que enquadava os devedores devedores em "programas de ajustamento" sob monitoramento do FMI.

Sua gestão recebeu aplausos dos países ricos, por um lado, mas por outro foi fortemente criticada pelo Terceiro Mundo por causa da recessão provocada nas economias devedoras enquadradas nos ajustamentos (baseados na contenção da demanda interna para sobrar excedentes exportáveis destinados ao pagamento dos juros da

dívida externa). Nos últimos dois anos a equipe técnica do FMI sob sua direção perdeu credibilidade, não só por conduzir ajustes cujas metas quase nunca eram alcançadas mas, também, por não ter encontrado alternativas não-recessivas.

O diretor-gerente acredita que está saindo "na hora certa", pois o FMI estaria entrando em uma nova fase onde seria mais apropriado ter uma outra direção.

Além do aumento de capital (que no jargão do FMI é chamado de "expansão das cotas"), a instituição está prestes a adotar um novo e mais complicado sistema de monitoramento das economias sob programas de ajustamento, denominado "vigilância reforçada" ("enhanced surveillance"). O novo esquema exigirá o acompanhamento individualizado de cada país, a partir de um conjunto de indicadores específicos, e não mais pelos critérios em vigor até agora, que se baseiam em padrões de desempenho mais ou menos uniformizados.

Um terceiro aspecto das mudanças que o FMI atravessará diz respeito a sua integração com o Banco Mundial — instituição que mesmo estando literalmente do outro lado da rua 19 tem se apresentado cada vez mais distante da política tradicional do FMI, haja vista o apelo feito pelo Bird em favor da retomada do crescimento econômico dos países devedores e do retorno dos créditos dos bancos privados como condições indispensáveis a manutenção da ordem monetária nascida após a Segunda Guerra. Para não ampliar o fosso, o FMI terá que adotar vários pontos de vista do Banco Mundial.

Estas mudanças, entretanto, podem não ser suficientes para apagar a imagem extremamente negativa que o FMI tem no Terceiro Mundo, onde tudo de ruim que ocorre na política econômica é atribuído aos "programas de ajustamento".